

DAS ENCRUZILHADAS DA EDUCAÇÃO ÀS ENCRUZILHADAS DO SAMBA:

o cotidiano da Escola Municipal de Dança Iracema Nogueira e suas
implicações éticas, estéticas, políticas e poéticas.

Carlos Henrique Fonseca

Escola Municipal de Dança Iracema Nogueira
<https://orcid.org/0000-0002-8186-5406>

Lúcia Helena Krepski

Universidade de Araraquara
<https://orcid.org/0009-0005-4290-8732>

RESUMO:

Este artigo apresenta uma reflexão sobre as dimensões ética e estética do cotidiano da Escola Municipal de Dança Iracema Nogueira, unidade da educação integral do município de Araraquara, estado de São Paulo. O objetivo é apresentar as características constitutivas do dia-a-dia da escola, responsáveis por seu singular dialogismo. Para tanto, são apresentadas suas referências teórico-metodológicas de inspiração freiriana que alcançam, inclusive, perspectivas decoloniais e contracoloniais e a contribuição da pedagogia das encruzilhadas. Descreve-se, por fim, seus resultados na realização de dois processos anuais de estudo, que culminam na produção de dois espetáculos. À guisa de conclusão, constata-se que a EMD, por atuar cotidianamente na luta antirracista, contribui com o combate ao racismo epistêmico. Isto faz com que haja uma profunda imbricação ética, estética e política nas nossas práticas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Integral; Dialogismo; Pedagogia das Encruzilhadas.

Abstract

This article presents a reflection on the ethical and aesthetic dimensions of the daily life of the Escola Municipal de Dança Iracema Nogueira, a Comprehensive Education Unit in the city of Araraquara, São Paulo. The objective is to present the constitutive characteristics of the school's daily life, responsible for its unique dialogism. For this purpose, its theoretical and methodological references inspired by Freire are presented, which also encompass decolonial and countercolonial perspectives and the contribution of the pedagogy of crossroads. Finally, the results of two annual study processes are described, culminating in the production of two stage productions. In conclusion, it is noted that the Escola Municipal de Dança, by acting daily in the anti-racist struggle, contributes to the fight against epistemic racism. This means that there is a deep ethical, aesthetic and political intertwining in our practices.

Resumen

Este artículo presenta una reflexión acerca de las dimensiones éticas y estéticas de la vida cotidiana en la Escola Municipal de Dança Iracema Nogueira, una unidad de educación integral en la ciudad de Araraquara, estado de São Paulo. El objetivo es presentar las características constitutivas del día a día de la escuela, responsables de su dialogismo único. Para ello, se

presentan referentes teórico-metodológicos de inspiración freireana, incluso las perspectivas decoloniales y contracoloniales y el aporte de la pedagogía de las encrucijadas. Finalmente, se describen los resultados de dos procesos de estudio anuales, que culminan en la producción de dos espectáculos. A modo de conclusión, parece que la escuela, al actuar diariamente en la lucha antirracista, contribuye a la lucha contra el racismo epistémico. Esto significa que existe una profunda superposición ética, estética y política en nuestras prácticas.

1 INTRODUÇÃO

A proposta do presente artigo, de acordo com os temas sugeridos para este dossiê, é apresentar o cotidiano da Escola Municipal de Dança Iracema Nogueira, uma das unidades da Educação Integral da cidade de Araraquara, no estado de São Paulo, e transcorrer sobre as relações existentes entre as dimensões ética e estética das propostas temáticas e como elas são trabalhadas a partir das epistemologias acessadas para que se atinja as poéticas almeçadas em cada processo anual de pesquisa, bem como a produção artística resultante desses processos. Para tanto, será apresentada a forma como a escola realiza suas atividades ao longo do ano letivo e como se deu a produção de dois espetáculos, realizados em 2023 e 2024, pensando nosso cotidiano a partir de suas implicações éticas, estéticas, políticas e poéticas. Entendemos que reside, nas interfaces desses conceitos, a melhor forma de compreender nossa prática, especialmente quando há, por parte dos agentes envolvidos, uma consciência e um posicionamento metodológico aliados ao papel emancipatório e, pode-se dizer, até mesmo revolucionário, da educação. Vale ressaltar que este artigo oferece uma leitura feita a partir de dentro, ou seja, a análise é feita com base na reflexão sobre nossas escolhas e práticas epistemológicas, marcadas pelo dialogismo que caracteriza nosso trabalho. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa de dois dos agentes envolvidos em todo o processo, no exercício de várias funções, alicerçada por pesquisas nas áreas de Ciências Sociais, Educação e Estudos Literários, numa investigação acerca das interfaces de que nos ocupamos neste dossiê.

A escola

A Escola Municipal de Dança Iracema Nogueira, inaugurada em outubro de 2002, constitui um projeto singular que já ultrapassa duas décadas de existência. Idealizada pela Professora Doutora e atual Vice-diretora da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, Gilsamara Moura, a escola foi criada no âmbito da Secretaria Municipal de Cultura, no início dos anos 2000, vindo, no ano de 2006, a ser administrada pela Secretaria Municipal de Educação, como uma das unidades da então chamada “Educação Complementar”. Atualmente a EMD, maneira como passamos a nos referir a ela a partir de agora, constitui uma das unidades da Educação Integral da cidade, atuando no contexto do Ensino Fundamental. O objetivo primeiro da EMD foi a democratização do acesso às aulas de dança para crianças de famílias de baixa renda. Contudo, uma vez alcançado este objetivo, o próprio contexto, composto pelos agentes e pelos discursos produzidos a partir da reflexão sobre o público atendido pela escola, anunciava a complexidade dos caminhos plurais a serem seguidos. Desde então, os trabalhos sempre foram permeados por questões referentes à desigualdade social, às questões de gênero, questões étnico-raciais, enfim, a chamada formação cidadã que se defendia desde os primeiros documentos que versavam sobre a escola. A garantia de acesso às linguagens artísticas foi acrescida com a garantia de espaço e voz para as comunidades envolvidas, afastando-se gradativamente da mera reprodução de modelos culturais impostos pela colonização europeia.

Chamada por Gilsamara Moura (2018) de “escola multidão”; “escola comunidade”; “escola formigueiro”, a EMD já é reconhecida pela originalidade e ousadia dos trabalhos que realiza anualmente. A própria permanência de uma escola municipal de dança, enquanto um projeto especial dentro da Educação Integral do município, traz, em si mesma, uma condição singular. Cabe lembrar que somente em 2016, com a Lei nº 13.278/16, sancionada pela presidente Dilma Rousseff, a dança, juntamente com o teatro, passa a fazer parte dos conteúdos disciplinares obrigatórios nas aulas de arte. Anteriormente, a Lei 11.769/08 passara a garantir somente a obrigatoriedade do ensino de música. Portanto, é muito recente a garantia legal dessas linguagens nas escolas.

Paradoxalmente, a dança, uma das manifestações culturais que vicejam em todo território nacional brasileiro, é uma manifestação artística muito discriminada e secundarizada. Reflexo de uma tradição que, especialmente nos espaços escolares, mas também na sociedade como um todo, disciplina e condiciona os corpos, relegando o movimento a funções produtivas e aceitando o corpo expressivo em situações e contextos muito específicos. Portanto, a consolidação da EMD Iracema Nogueira como uma unidade da Educação Integral representa, ao mesmo tempo, inovação e ousadia.

Sempre em sintonia com as posturas reflexivas mais atuais sobre arte e educação, a responsabilidade do ensino das linguagens artísticas alia-se a novas demandas éticas, como o atendimento às Leis da LDB: 10.639/2003 e 11.645/2008, que preveem a obrigatoriedade do ensino das culturas de matrizes afro-indígenas no ensino fundamental. Atendimento que se efetiva em um processo de democratização do acesso de crianças e adolescentes desfavorecidos economicamente a essas linguagens. A EMD foi criada com o intuito de atender, principalmente, crianças em vulnerabilidade socioeconômica, moradoras nas regiões mais periféricas da cidade. Destarte, recebemos alunas e alunos de todos os bairros, envolvidos em um processo de ensino-aprendizagem que prima pela formação cidadã, num movimento que educa pela arte e para a arte, estimulando a sensibilidade, a fruição e o respeito às diferenças. De acordo com o que afirma Isabel Marques (2010), há uma relação dialética no ensino de dança que se refere a processo e produto. Ou seja, não só o processo (o estudo e a criação coletiva, em todo seu alcance) resultará em um produto (o resultado cênico), como trará também elementos para os processos vindouros e possibilitará novas leituras sobre as experiências vividas anteriormente. Ademais, os espetáculos realizados ao longo do ano são parte constitutiva dos métodos de avaliação, tanto dos alunos, quanto do trabalho em sua totalidade colaborativa, por meio do qual são avaliados o desenvolvimento técnico em cada linguagem, a competência interpretativa e o entendimento/envolvimento com os temas propostos.

A equipe diretiva da EMD é composta, já há alguns anos, por uma diretora escolar, um coordenador técnico uma coordenadora pedagógica, sendo os dois

últimos os autores do presente artigo. O primeiro, responsável por definir, junto à equipe docente, o tema que será estudado ao longo do ano e que culminará na produção de dois espetáculos, cabendo à coordenadora pedagógica a organização de todas as atividades realizadas pela equipe docente. Esta equipe é diversificada de forma a atender às linguagens artísticas oferecidas, a saber: Dança Contemporânea; Balé Clássico; Sapateado; Capoeira; Teatro; Música e Artes Visuais. A EMD oferece ainda uma oficina de Vídeo-dança e outro de Socioemocional. Com base na temática proposta para a Educação Integral, o coordenador técnico, no início de cada ano letivo, propõe um tema que constituirá o objeto de pesquisa ao longo de todo o primeiro semestre e que resultará nas produções cênicas do segundo semestre. A escola oferece um curso de seis anos de duração, no contraturno, e os alunos ingressantes precisam estar matriculados entre o quarto e o sexto ano do ensino fundamental. Enquanto os alunos do quarto a quinto entram no primeiro ano da EMD, os alunos do sexto ano escolar entram no segundo. Cumprem todo o ano letivo conosco, com quatro aulas diárias, de segunda a sexta-feira. Ao fim do percurso, os alunos apresentam, na ocasião de sua formatura, um Trabalho de Conclusão de Curso prático e teórico nas linguagens oferecidas na escola, sob orientação de um dos professores. Faz parte também do cotidiano da escola o recebimento de professores e artistas convidados, que trazem espetáculos, oficinas e vivências ao longo do ano, o que intensifica a troca e a fruição artística. Momento especial deste processo é a participação no Festival Internacional de Dança de Araraquara - FIDA -, evento que acontece anualmente já há duas décadas.

Perspectivas metodológicas de ensino-aprendizagem

“A dança manifesta, por sua própria natureza, ideias e temporalidades com o seu modo de existir no corpo que dança, nas formas que toma nesse corpo, nos modos de ser. Essas formas são o seu pensamento sobre o mundo. Cada criação é um texto recheado de conceitos e ideias”.
Moura, 2018, p. 125)

“invenção de novos seres [...] não um método a ser aplicado para a resolução de problemas escolares, mas um ato responsável comprometido com a transformação de novos seres. A educação lida como fenômeno existencial na articulação entre arte, vida e conhecimento”.
(Rufino, 2019, p. 11)

A cultura constitui o principal campo de atuação da EMD. Acreditamos não haver dissenso sobre a potencialidade de uma escola de dança, nomeadamente quando oferece outras linguagens artísticas, em promover o acréscimo do que Pierre Bourdieu chamou de “capital cultural”. Neste sentido, há que se reconhecer que existe um complexo jogo de poderes do qual a escola faz parte. Mais do que ser um espaço de reprodução das condições de desigualdade sócio-econômica e cultural, a escola pode ser o espaço para sua diminuição. A subversão da ideia da escola como reprodução da ordem social vigente acontece quando a proposta educacional é exatamente o questionamento dessa ordem. No cotidiano da EMD, a aquisição de capital cultural e a construção de um novo *habitus* passam pelo filtro de uma consciência crítica que fará, por exemplo, com que hierarquizações ou polarizações do tipo *popular/erudito* sejam problematizadas à luz de propostas, artistas e teóricos sintonizados com um pensamento decolonial e contracolonial. A contracolonialidade, pensamento desenvolvido pelo mestre quilombola Antônio Bispo dos Santos, o Nego Bispo, é um posicionamento radical contra a herança colonial, como se vê na citação:

O grande debate hoje é o debate decolonial, que só consigo compreender como a depressão do colonialismo, como a sua deterioração. Compreendo o sufixo “de” como isso: depressão, deterioração, decomposição. Cabe às pessoas decoloniais, em qualquer lugar do mundo, educar sua geração neta para que não ataque a minha geração neta. [...] E nós, contracolonialistas, cabe inspirar a nossa geração neta para que ela se defenda da geração neta dos decoloniais e dos colonialistas. (Santos, 2023, p. 53)

Sua proposta conta, inclusive, com mudança de muitas palavras como forma de combater a lógica capitalista de consumo. Nego Bispo prefere usar a palavra “confluência”, ao invés de “convergência”, por trazer uma noção de continuidade a partir do encontro, como acontece com o rio e seus afluentes. Prefere também a palavra “envolvimento” a “desenvolvimento”, uma vez que a primeira traz a ideia de compartilhamento e responsabilidade enquanto a segunda traz, em si, a ideia de exploração capitalista. Ou seja, grosso modo, realiza-se um movimento de valorizar referências não eurocêtricas, educando e reeducando-nos, a todos os envolvidos no processo, por meio de propostas

centradas nas matrizes afro-indígenas que trarão, por resultado, corpos também capazes de transgredir modelos impostos.

Num caminho de inspiração freiriana, entendemos que os anos vividos na escola podem oferecer recursos para *novas leituras de mundo*. Por mais que tenhamos conteúdos técnicos, como o ensino das linguagens artísticas, uma premissa que nos orienta é a de que o processo de ensino/aprendizagem precisa ser feito de maneira dialógica e questionadora. O diálogo, segundo Paulo Freire (2016), constitui condição primordial para que se tenha uma *ação cultural* que se oponha a uma *invasão cultural*. Enquanto aquela visa a uma educação para a liberdade, esta última tenderá a reproduzir a opressão. Isto faz com que os chamados “temas geradores”, de Paulo Freire, sejam uma estratégia metodológica cara para nós, uma vez que a escuta do que os alunos trazem de seu cotidiano extra-escolar é algo fundamental. Mais especificamente no contexto da dança, outra referência metodológica de inspiração freiriana que ilumina nossos estudos/espetáculos é o da “dança no contexto”, que Isabel Marques (1999) desenvolve a partir da Abordagem Triangular, de Ana Mae Barbosa. Esta abordagem focaliza o ensino da arte a partir do tripé *apreciar/fazer/contextualizar*. Isabel Marques (2010, p. 148) esclarece ainda:

A Abordagem Triangular foi inicialmente cunhada e pensada para as artes visuais. Nos últimos anos, ao refletir, experimentar, ensinar sob essa perspectiva, deparei com algumas particularidades que dizem respeito, talvez, somente à dança. Por ser uma arte inserida, construída, perpassada e necessariamente mediada pelo/no corpo, a dança traz outras redes de leituras e de relações entre a produção, a apreciação (leitura) e a contextualização.

Em síntese, o que a EMD almeja em todo seu processo, converge com as palavras da Ana Mae Barbosa (2009, p. 21): “se aspira influir positivamente no desenvolvimento cultural dos estudantes pelo ensino-aprendizagem da arte”. Sem descarmos de que, nomeadamente no contexto da dança, toda transformação e reivindicação acontecem no corpo:

O corpo não é um instrumento, um veículo, ou um meio, mas sim o resultado do cruzamento das informações com as quais entra em contato – basicamente este é o conceito de *corpomídia*, desenvolvido pelas pesquisadoras Helena Katz e Christine Greiner, que alicerça as propostas da

Emdin¹, escola na qual se transforma em prática cotidiana o trânsito permanente de informações. (Moura, 2018, p. 134).

Este trânsito permanente faz com que a escola esteja sempre atenta a novas perspectivas educacionais e novas demandas éticas que caracterizam o olhar sobre a contemporaneidade. Confluímos, de certa forma, com as palavras de Agambem (2009, p. 63): "Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é justamente aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente". No entanto, nosso anseio é converter estas "trevas" em possibilidades. Verifica-se, assim, uma confluência de consciência crítica com esperança que nos leva ao encontro das perspectivas decoloniais e contracoloniais². Tal articulação traz, em seu bojo, discursos e práticas contra o consumismo, o racismo, a homofobia, o machismo e preconceitos de classe, ao lado da valorização dos povos originários e de toda uma mudança epistemológica capaz de enfrentar os problemas advindos da herança colonial.

Já se pode perceber que há, em suma, uma pluralidade e um fluxo permanente de referências metodológicas que possibilitam estabelecer diálogos sobre o tempo vivido. Não poderia ser de outra forma quando se tem uma equipe docente composta, em sua maioria, por pesquisadores que trabalham de forma dialógica e colaborativa, incluindo os alunos neste dialogismo. Esta postura dialógica consiste no ponto de intersecção entre as referências metodológicas. Neste sentido, a leitura do que fazemos na EMD tem, na presente análise, a *Pedagogia das encruzilhadas* (2019), de Luiz Rufino, um dos principais referenciais teórico-metodológicos acessados nos anos de 2023 e 2024. Avesso a definições, Rufino (2019, p. 41) diz que a encruzilhada é "ponto de força, caminhos de intersecções e possibilidades" e, sobre o orixá Exu, diz ainda: "Exu é o poema que vem a enigmatizar as existências, conhecimentos e movimentos do universo. E faz isso de maneira exímia ao instaurar a dúvida, as incertezas, ao nos lançar na encruzilhada" (Rufino, 2019, p. 48). Quando alinhamo-nos à

¹ Acrônimo sugerido pela autora, em sua tese, para se referir à Escola Municipal de Dança Iracema Nogueira.

² Conceito formulado por Antonio Bispo dos Santos, o Nego Bispo. Mestre da cultura popular e intelectual quilombola, autor do livro *A terra dá, a terra quer* (2023).

perspectiva do autor, inspirada em Exu³, ou seja, que vê as experiências mais como possibilidade e potencialidade do que como certeza, encontramos-nos no campo da arte e de todo entendimento da educação em sua dimensão relacional, situacional e coletiva. Sua escolha se deve especialmente ao atendimento a estes dois eixos orientadores do nosso cotidiano escolar: a dimensão dialógica de nossa produção, consensual no que se refere à relevância das culturas afro-indígenas, e o “caráter expansivo e inacabado [...] que advêm todas as demais criações” (Rufino, 2019, p. 48). Reconhece-se, por conseguinte, a qualidade seminal das experiências vividas dentro da escola. Há sempre a convicção de que cada estudo/produção reverberará, de múltiplas formas, nas realizações futuras, bem como a consciência do caráter limitado e subjetivo, ainda que coletivo, de cada experiência, pois resultará sempre de escolhas e recortes promovidos pelos agentes envolvidos no processo.

Uma vez assumida esta opção dialógica, abre-se espaço para o compartilhamento de questões e diluem-se discursos definitivos e estanques sobre quaisquer dos temas que venham a ser trabalhados ao longo do ano letivo. Por mais que haja a proposição de um tema no início do ano, este se apresenta de forma permeável às ideias e experiências que possam ser trazidas pelos docentes, pelos discentes e, principalmente, às que surjam ao longo dos estudos. Ou seja, a proposição temática atua como um sistema em aberto, ao qual passam a se integrar as inúmeras contribuições dos agentes envolvidos. Destes processos resultam, quase sempre, produções épicas e provocativas. Inspiradas pelo teatro didático de Bertolt Brecht, há sempre a preocupação em serem compreendidas, mesmo pelo público menos acostumado às linguagens cênicas. Este esforço em ser acessível justifica a profunda simbiose entre as linguagens da dança, da música e do teatro em nossos espetáculos. Passamos agora ao relato de duas experiências recentes, os espetáculos *Opará – o rio de Rosa*, de 2023 e *Nas Encruzilhadas do Samba*, de 2024.

³ “[...] o que contraditoriamente abre o caminho para este estudo é a produção de Exu como impossibilidade pelo colonialismo. A negação desse princípio e a sua transformação no Diabo cristão guarda um tempo/espaço a ser investigado, revisto e problematizado”. (Rufino, 2019, p. 48)

Opará – o rio de Rosa

“O mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais. Ainda não foram terminadas...”
(Rosa, 2001)

No início de 2023, a proposta temática trazida pela professora Geórgia Palomino, que na ocasião exercia a função de coordenadora técnica, foi o rio São Francisco. Amplo e desafiador, este tema reunia questões históricas, geográficas e culturais. No campo da literatura brasileira, esta proposta levou-nos a Guimarães Rosa, autor mineiro que escreveu sobre o Velho Chico no romance *Grande Sertão: veredas*, publicado inicialmente em 1956, e autor do conto com o qual estabelecemos, neste trabalho, uma relação intertextual: “A terceira margem do rio”. Em nossa narrativa, o personagem que abandona o pai, nas linhas finais do conto de Rosa, volta para encontrá-lo. Inspirado nas narrativas de viagem, este filho, com a ajuda de um grupo de atores mambembes, desce o rio à procura do pai, passando por lugares, personagens e mitos relacionados ao rio. Ao fim do espetáculo, o pai é encontrado na cachoeira de Paulo Afonso e sua despedida é também uma releitura das palavras do personagem Riobaldo, ao fim do romance *Grande Sertão: veredas*: “É o que eu digo, se for... Existe é o homem humano. Travessia” (Rosa, 2001, p. 624).

A estética e as manifestações da cultura popular orientaram toda a produção. A cultura dos povos ribeirinhos encontrou respaldo na homenagem à ceramista pernambucana Ana Leopoldina dos Santos, mais conhecida como Ana das Carrancas, que faria 100 anos em 2023. Danças próprias da cultura popular como o coco, o jongo, os caboclinhos e o maracatu atravessaram toda a produção coreográfica e musical, que contou, inclusive, com cortejos de maracatu no início e fim do espetáculo, sendo que o próprio espaço escolar, onde o espetáculo foi realizado, foi adaptado à temática do rio.

A valorização das culturas de matriz afro-indígena se evidenciava na referência aos orixás e entidades das religiões de matriz africana. A inserção destes conteúdos, ainda que tenha respaldo nas leis 10.639/03 e 11.645/08, que preveem a obrigatoriedade do ensino das culturas de matrizes africana e

índigena no ensino fundamental, encontrou resistência por parte de alguns pais de alunos. Cabe lembrar que os esforços contra o racismo⁴ são constantes na EMD, assim como as demonstrações deste racismo vividas no cotidiano escolar. Um exemplo recorrente é o cancelamento de matrículas por causa das aulas de capoeira, lida por alguns como manifestação religiosa.

O espetáculo *Opará – o rio de Rosa* foi mais uma grande produção em que a valorização das margens sociais está evidente. De uma perspectiva decolonial e contracolonial, não foram os valores eurocêntricos que orientaram sua realização, mas sim a valorização das formas alternativas de vida, que se afastam do consumo, da urbanidade e vão ao encontro dos saberes ancestrais e da simplicidade do reconhecer-se enquanto travessia, mencionando-se novamente as últimas palavras do jagunço Riobaldo.

Nas Encruzilhadas do Samba

“É na encruzilhada que se praticam as transformações”
(Rufino, 2019, p. 21)

Em 2024, completam-se 100 anos da morte de Hilária Batista de Almeida, mais conhecida como Tia Ciata. A baiana, nascida em Santo Amaro, no recôncavo baiano, no ano de 1854, foi uma das responsáveis pela formação do samba carioca. Sua vinda, num movimento que ficou conhecido como diáspora baiana, trouxe o samba da Bahia e sua casa, na Praça Onze, foi o primeiro reduto cultural de onde saíram os primeiros sambistas do Rio de Janeiro. Sua casa se encontra na região que o pintor e sambista Heitor dos Prazeres chamou de Pequena África do Rio de Janeiro.

Na encruzilhada que constitui essa proposta temática, com inspiração e objetivo de homenagear Tia Ciata, pegamos a trilha de construir uma história do samba, evidenciando o protagonismo das mulheres sambistas. A proposta, portanto, justifica-se pelo sentido mais amplo de valorização identitária negra e

⁴ “Todo mundo já sabe que a Escola Municipal de Dança Iracema Nogueira tem na luta antirracista, sua bandeira central. Não é uma bandeira partidária, é uma bandeira existencial. (texto lido na abertura do espetáculo “Nas Encruzilhadas do Samba, em setembro de 2024”).

feminina. A mulher negra ganha o centro da cena e sua exaltação constitui o fio condutor de todo o trabalho de pesquisa e posterior montagem cênica. Nos estudos realizados, comprovava-se aquilo que, uns mais, outros menos, tinham somente uma impressão. Por exemplo, não ser possível separar o nascimento do samba dos terreiros de candomblé, na Bahia, ou ainda, que as mulheres, inicialmente, atuavam nos bastidores de uma cena eminentemente masculina, onde proliferavam ternos engomados e gravatas de nomes como Donga e João da Baiana.

Juntamente a essa valorização da mulher negra, ocorria uma verdadeira redescoberta do significado do samba em nossa cultura. Crianças e adolescentes tiveram contato com sambas históricos como “Pelo telefone”, “No tabuleiro da baiana”, “O samba está com tudo”, do primeiro álbum de Elza Soares, ou ainda “Vai, mas vai mesmo”, de Ataulfo Alves, na voz de Nora Ney. No cenário, colares de contas gigantes traziam à cena as guias de orixás. Na segunda parte do espetáculo, os alunos que compõem o Núcleo de Formados e Formandos da EMD, com a participação de todos os alunos de sexto ano, apresentaram coreografias de dança contemporânea com o tema da diáspora africana. Dos navios negreiros aos quilombos, a luta dos povos negros escravizados foi trazida à cena por meio da dança.

Todo o processo de pesquisa e construção cênica é inspirado na noção de *cruzo*. Segundo Luiz Rufino (2019, p. 18):

“o *cruzo* é o devir o movimento inacabado, saliente, não ordenado e apreensível. O *cruzo* versa-se como atravessamento, rasura, cisura, contaminação, catalização, bricolagem [...]. O *cruzo* é a rigor uma perspectiva que mira a transgressão e não a subversão, ele opera sem a pretensão de exterminar o outro com que se joga, mas de engoli-lo, atravessá-lo, adicioná-lo como acúmulo de força vital.

Essa transgressão se dá de várias formas. Entre elas, o uso de termos em yorubá, de falar sobre terreiros, entidades e orixás, fora do contexto colonial de demonização daquilo que vem das culturas africanas e afrobrasileiras. Dessa forma consegue-se realizar uma mudança significativa na forma como os alunos e professores veem a cultura africana. O texto do espetáculo traz citações da *Crítica da razão negra* (2014), de Achille Mbembe, e preconceitos são diluídos a

cada dia de trabalho, enquanto se constrói uma sensibilidade decolonial e contracolonial. Até mesmo as famílias dos alunos são afetadas por esse movimento de respeito às diferenças. Famílias que são adeptas das religiões de matriz africana declaram sentir-se representadas enquanto discursos de intolerância religiosa se diluem. Os representantes do movimento negro da cidade, muitos deles convidados para nossos HTPC's⁵, são convidados a assistir ao espetáculo e se emocionam muitíssimo pelo poder de representatividade que presenciaram. A cena final traz, inclusive, um *Bravun de Elegbara* - um ponto para o orixá Exu - cantado pela cantora e pesquisadora Fabiana Cozza. As palavras finais, ouvidas antes de uma roda de jongo, são do próprio Antônio Bispo dos Santos, o Nego Bispo, intelectual quilombola falecido no ano de 2023, também homenageado no espetáculo.

Considerações do meio da encruzilhada

Ao invés de ir à escola dizer o que ela faz de errado ou o que ela deveria fazer de acordo com um modelo possível de teoria pronta, o pesquisador poderia buscar nas falas, nos costumes, nos gestos dos alunos, professores, pais, diretores e funcionários elementos que mostrem os limites do conhecimento. As possíveis falhas e, principalmente, os elementos que são excluídos, para que não se trate mais de um modelo pronto, mas, sim, uma coisa viva, que se constrói e se modifica cotidianamente. (Abdian e Nascimento, 20117, p. 303)

Ainda que trate dos estudos aplicados à gestão escolar, ratificamos nosso alinhamento aos autores da epígrafe acima no que se refere à dimensão relacional e de escuta que se deve adotar em relação ao cotidiano escolar. Muitas vezes a EMD encontra resistência, seja por trazer um feixe de perspectivas que, marcado pelo pluralismo e diálogo, assustam, seja ainda por desafiar formatos e mentalidades pedagógicas ultrapassadas ou excessivamente burocráticas. Entendemos, isto sim, que a escola está em constante transformação. A herança colonial, que tão profundamente nos marca, torna difícil o delineamento de objetivos que emergem a partir das experiências, com escuta atenta e cuidadosa e não impostos simplesmente com o foco em reprodução e controle. No caminho apontado por Luiz Rufino, mas também em

⁵ “Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo”. No nosso caso, realizado às terças e quintas-feiras.

diálogo com todos os teóricos elencados neste trabalho, concluímos que a EMD atua cotidianamente no combate ao racismo epistêmico. Isto faz com que haja uma profunda imbricação ética, estética e política nas nossas práticas. Como dissemos, toda essa especificidade encontra alguns obstáculos, mas sua diferença se manifesta nos corpos em diálogo e movimento, na postura consciente e empática que nossos alunos demonstram diante das diferenças. Reside aí, para dialogarmos com Luiz Rufino, o nosso ponto riscado.

Os dois espetáculos ora apresentados têm um ponto em comum que se refere à luta antirracista. Na verdade, uma encruzilhada na qual se encontram todos os estudos e produções da escola.

REFERÊNCIAS:

ABDIAN, Graziela Zambão; NASCIMENTO, Paulo Henrique Costa. “*Gestão e qualidade da educação escolar básica: sentidos em construção*”. In. *Revista Espaço Pedagógico*. V. 24, n. 2: Passo Fundo, p. 295-313, maio/ago. 2017. Disponível em: www.upf.br/seer/index.php/rep

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: UBU Editora/PISEAGRAMA, 2023.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2010.

MARQUES, Isabel. *Linguagem da dança: arte e ensino*. São Paulo: Digitexto, 2010.

MOURA, Gilsamara. *Corpo da multidão: dança e políticas públicas*. São Paulo: Hucitec, 2018.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. 19.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

V. 9, N. 21, 2025
DOI: [10.29327/268346.9.21-14](https://doi.org/10.29327/268346.9.21-14)